

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA- LICENCIATURA E BACHARELADO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A REPRESENTATIVIDADE DOS CORPOS NEGROS NA MÍDIA CINEMATOGRAFICA**

JOÃO GILBERTO NAZÁRIO

**Uberlândia  
2023**

# **A REPRESENTATIVIDADE DOS CORPOS NEGROS NA MÍDIA CINEMATOGRAFICA**

**JOÃO GILBERTO NAZÁRIO**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Aline da Silva Nicolino

**Uberlândia  
2023**

JOÃO GILBERTO NAZÁRIO

**A REPRESENTATIVIDADE DOS CORPOS NEGROS NA MÍDIA CINEMATOGRAFICA**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da  
Universidade Federal de Uberlândia.

---

**Aline da Silva Nicolino, Doutora em Psiquiatria, Universidade Federal de Uberlândia.**

---

**Sérgio Inácio Nunes, Doutor em Educação, Universidade Federal de Uberlândia**

---

**Alessandra Monteiro Rosini, Doutoranda em Imunologia e Parasitologia aplicadas, Universidade  
Federal de Uberlândia**

“Pobre informado, engatilhando o raciocínio  
É embaçado, qualquer país treme”

(FACÇÃO CENTRAL, 1998).

## **AGRADECIMENTO**

Esta pesquisa representa para mim algo distante a qual eu pensei que nunca chegaria, como dito em uma música do rapper mano Brown “Só eu sei os desertos que cruzei até aqui”. A graduação para mim foi um período de altos e baixos, por isso uma vitória muito importante, pois muitas vezes não acreditei que chegaria ao fim da graduação.

Agradeço a minha mãe, por sempre me lembrar o quão importante é o estudo e ao meu pai por sempre me falar que “preto tem que ser estudado” e sempre nos lembrar o quanto somos importantes.

Agradeço a minha irmã por ser meu exemplo, além de que entrar em uma universidade federal não era algo distante para nós.

Agradeço a minha orientadora pelos puxões de orelha e por não deixar de acreditar na minha pesquisa.

## RESUMO

A produção do negro em uma sociedade branca escravocrata, vem sendo construída historicamente, por meio da lógica da branquitude, desde o período colonial no Brasil, em que o não branco é sempre representado de forma inferiorizada e descartável. Este estudo, parte do pressuposto, que esse tipo de construção e organização social contribui para a perpetuação do racismo do período escravocrata até a atualidade, em que pessoas nomeadas como negras encontram-se em uma luta constante a cada dia para superar diversas práticas racistas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é descrever como as representações da corporeidade negra é representada no filme “Corra!”, trazendo a superioridade física dos corpos pretos como objeto de estudo desta pesquisa. Além disso, faz-se o levantamento de artigos acadêmicos da área, visando identificar o que há de produção sobre o tema no campo da Educação Física e suas finalidades. Para isso, recorre-se a pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa, para levantar artigos publicados nas principais revistas de educação física brasileira, que trabalham em uma perspectiva sócio pedagógica, acerca da temática racial. As interpretações do filme e dos artigos publicizados na área sobre o tema, mostram que a mídia cinematográfica também transmite, na forma de arte, certas práticas advindas do período escravocrata, continuando a reproduzir o racismo e a negritude de forma desumanizada, em que os corpos pretos são objetificados pela eficiência e atributos físicos. Verificou-se, nesse sentido, a importância de se reconhecer o racismo, os princípios que o regem, seus interesses e quem são as pessoas que se beneficiam com a lógica da racialização dos corpos negros. Entendo, que dialogar, nomear, denunciar e combater o racismo é um exercício diário, uma luta que precisa ser coletiva, um dever de todas as pessoas que buscam um mundo mais igualitário, justo, digno e humano.

**Palavras-Chave:** Corpos Negros, Branquitude, Racismo, Escravidão no Brasil; Mídia; Educação Física.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>Objetivos .....</b>	<b>14</b>
<b>Procedimentos Metodológicos .....</b>	<b>14</b>
<b>Higienismo e Eugenismo na Educação Física: um estudo sobre os periódicos da área.....</b>	<b>18</b>
<b>Mestiçagem no Brasil: um mito da branquitude.....</b>	<b>19</b>
<b>O Filme “Corra!”: análise sobre a representação da corporeidade negra.....</b>	<b>21</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências.....</b>	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

O corpo negro vem sendo objetificado de forma inferiorizada e sexualizada ao longo dos séculos e um marco temporal importante é o período escravocrata no Brasil. Garcia (2019) traz a associação de um corpo masculino que é forte fisicamente, com a capacidade de aguentar trabalhos árduos, e um corpo feminino, que servia tanto para trabalhos domésticos como para servir sexualmente os senhores de engenho, os quais ainda permanecem no imaginário social brasileiro. Um exemplo dessa lógica de exploração e dominação sobre os corpos pretos, pode ser visto no filme “Doze anos de escravidão”, em que os escravos são dispostos em uma sala e escolhidos de acordo com seus atributos, como estatura e porte físico, por ser considerados à época um bom padrão para aguentar o trabalho pesado (NAKANISHI, 2018).

Esse processo histórico de produção do negro e, conseqüentemente, o corpo preto como subalterno, vai contribuir para a perpetuação de práticas eugênicas<sup>1</sup> que visa inferiorizá-lo, por meio da representação social de não civilizado e pouco inteligente, para justificar formas de opressão, exploração e violência (GARCIA, 2019). A perpetuação dessa lógica só é possível por se tratar de um racismo estrutural e institucional, em que há um nítido processo de exclusão dos não brancos em nossa sociedade (ALMEIDA, 2018). Colocando-os em grupos subordinados aos brancos, diferenciando-os socialmente, por meio de condições precárias de trabalho, de educação, de saúde, de segurança pública, de moradia, de lazer, ou seja, uma diferenciação que ocorre devido ao racismo (GARCIA, 2019). Entendo, nos termos de Silvio Almeida (2018, p. 25), que racismo “é uma forma sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes, que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam”.

Para justificar o porquê da escolha desta temática, ou seja, o motivo em estudar sobre a racialização dos corpos pretos, é importante definir alguns conceitos, como: raça, negro, preto, branco, higienismo e eugenia. Raça, segundo Silvio Almeida (2020), pode ser definida como uma construção sócio-histórica e um elemento essencialmente político, que foi e é usado ainda para justificar preconceitos. De tal modo, que conceituar etnicamente o indivíduo como negro ou preto advém de um histórico de associação ao negativo, como pode ser visto em termos e expressões do cotidiano: quadro negro, dia negro, valas negras, buracos negros, lista negra. O termo preto também é associado a este lado: “a coisa tá preta”, “hoje é preto na folha” (ROCHA, 2010). O uso do termo negro e preto provem do período escravocrata, onde esses

---

<sup>1</sup> Com o propósito de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural ao ser humano, Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin, em 1883, reunindo duas expressões gregas, cunhou o termo “eugenia” ou “bem-nascido”. A partir desse momento, eugenia passou a indicar as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros – como se fazia com cavalos, porcos, cães ou qualquer animal –, portadores das melhores características, e estimular a sua reprodução, bem como encontrar os que representavam características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem (DEL CONT, 2008).



indivíduos eram assim “classificados”, mas como eles eram classificados lá na África antes desse período? Como se afirmar como algo que está sempre relacionado ao negativo? Lembro que em meados de 2010, houve uma tentativa severa de trazer a terminologia de afrodescendente como uma forma de representação de pessoas negras, sendo que este termo seria uma forma de trazer uma identidade a este povo resgatando suas origens, o que não se perpetuou (MUNANGA,2018).

Já o branco é normalmente associado ao claro, ao calmo. Observa-se em comerciais de TV e filmes que os momentos de calma ou paz são associados a cor branca nos cenários. Aqui já se percebe uma diferenciação que vai se transferir para questões étnicas: o branco é o bom, o justo, o melhor, provido de luz intelectual e, por isso, é superior aos adjacentes sejam eles: negros, índios e/ou outras “minorias”. O branco é o privilegiado sobre as outras etnias, tido como quem manda e desmanda sobre como o mundo é regido (BENTO, 2002). Posições de poder, sejam no poder legislativo ou no campo empresarial são, em sua grande maioria, tomadas por pessoas brancas e os negros (assim como os indígenas) não estão lá. Não porque não estudaram ou não se prontificaram para tal, eles buscam e se enriquecem intelectualmente para chegar a essas posições, mas na hora da análise, para se subir de cargo, esse emprego/função é dado ao branco (GOMES, 2018; ROCHA, 2021). Segundo dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, *“a população negra possui os piores indicadores sociais, os menores índices de escolarização, de acesso a bens e serviços, assim como os maiores índices de mortalidade precoce, quando comparados com a população branca”*. (GOMES, 2018). E mesmo quando tem a mesma escolaridade, o racismo impede de serem contratadas, como explica a economista Marilane Teixeira:

nas décadas de 1970/1980 era comum tentar justificar a forma de inserção em cargos e ocupações mais precárias com a baixa escolaridade, e que essas distensões salariais iriam se reduzir acentuadamente, mas a população jovem, especialmente a partir dos anos 2000, ampliou seu nível de escolaridade, tanto entre os brancos, como os negros, com ensino médio e superior completos, mas para os negros pouca coisa mudou por causa do racismo. De acordo com a economista, em relação às mulheres, é comum a empregada doméstica ter curso superior e ter trabalhado antes no comércio e serviços, mas na fila do desemprego e nas crises, o empregador vai lá e escolhe o homem branco, acreditando que ele é mais eficiente do que elas. (ROCHA, 2021).

Em meu histórico de vida, lembro-me de poucos representantes negros em posições de poder ou cargos que julgo de grande importância. Possui somente um professor negro, o único que conheci além da minha mãe que é pedagoga. No restante, as posições do alto escalão são sempre ocupadas por uma pessoa branca. A minha maior representação nesse quesito, além de minha mãe, são cantores de rap, como Mano Brown e Djonga. Esse último traz o seguinte indagação em uma música sua chamada “Voz” de 2019, a qual segue a letra: *“Mas Djonga não gosta de branco? O bang não é apenas cor, interpretem parecem que ainda estão no ano lírico. Pela cor cê só não sente o que eu sinto, mas pela boca e pelas atitudes, branco é seu estado de espírito”*

Nesse sentido, Djonga afirma que pela cor, pessoas de pele branca não sofrerão racismo, mas pelas atitudes e por suas falas as pessoas menosprezam o racismo e o relativizam. Utilizando de argumentos

discriminatórios, intitulam de “brincadeira” expressões racistas, como “alma branca” (vista como algo positivo) ao afirmar que o branco seria o estado de espírito de pessoas racistas (associado na faixa como uma coisa negativa).

Isso pode ser interpretado pela lógica ainda escravocrata, em que historicamente o negro era subalternizado e o branco comandava. Com o fim do período da escravocrata no Brasil, mas sem discussão, punição, reparação ou políticas sociais de reinserção das pessoas que viviam sobre o regime da escravidão, essa questão da dominação-exploração<sup>2</sup> se perpetuou, em que negros tiveram que sobreviver sem direito à moradia, alimentação, emprego, lazer, a dignidade. As pessoas negras foram “libertas” sem ter para onde ir, sem serem reconhecidas como cidadãs e não terem nenhum direito garantido. Muitas e muitos vão ocupar posições consideradas como subemprego, em virtude da precarização das condições de trabalho, salário e falta de garantias trabalhistas. O que foi posto para o negro e a negra foram postos de marceneiro, pedreiro, faxineira, porteiro, caixa de supermercado, ambulante etc. E, para o branco o direito a estudar e ter crédito bancários para se tornar empresário, empreendedor, advogado, arquiteta, engenheiro, médica.

Como jovens negros cresceram vendo seus pares? Sempre em posições consideradas inferiores, ao vivo e na mídia.

O rapper Leall traz em sua música “Esculpido a machado” de 2020 a seguinte frase: “*Jovens negros se sentem na candelária, jovens brancos tem surtos psicóticos*”. A chacina da candelária ocorreu em 23 de julho de 1993, em que oito jovens e crianças foram mortos a tiros por milicianos, sendo os jovens na sua maioria negros (ELIAS,2022). Ele traz essa dicotomia de enquanto os jovens negros estão sendo mortos a tiros nas periferias do país, enquanto o jovem branco sofre de surtos psicóticos. A preocupação de um para o outro é muito diferente, enquanto um tem de se preocupar em chegar vivo em casa, o outro se preocupa com seu estado mental.

A questão de “sair para a rua” também é deveras importante para o negro, a depender da forma da vestimenta que se sai de casa o olhar já é diferente. Já ouvi do meu pai diversas vezes, “lembra que você é preto”, alertando para eu não sair com certas roupas de casa, principalmente camisa de time e bermudas coloridas. Mas, mesmo assim, sofri diferentes formas de preconceitos e discriminação.

O higienismo, segundo Silva (2009) foi um movimento da elite médica com estratégias de alcançar parcela populacional e galgar o poder estatal e possibilidades de participar do poder. No Brasil, o movimento higienista começou a se fazer presente entre o final do século XIX e início do século XX e propunha defender a saúde e a educação pública, por meio do ensino de novos hábitos higiênicos, que deveriam ser orientados pela medicina social.

---

<sup>2</sup> Heleith Saffioti (2001, p.117) traz o conceito de dominação-exploração ou exploração-dominação, ao se conceber “o processo de sujeição de uma categoria social com duas dimensões: a da dominação e a da exploração(...), em que não se admite territórios distintos”.

Por todas as indagações que trouxe aqui, o negro sempre é representado pela branquitude objetificado ora por ter maior habilidade no trabalho braçal, em virtude do seu vigor físico, ora para servir sexualmente aos desejos dos latifundiários. Neste trabalho, pretendo desenvolver o argumento sobre o quanto as representações da negritude na atualidade estão associadas a essa lógica histórica de dominação-exploração dos corpos negros e o quanto a Educação Física vem contribuindo nesse processo de racialização dos corpos negros em diferentes contextos e tempos históricos.

Nesse sentido, conhecer os processos que nos inferioriza é significado, para reconhecermos nossa força, identidade e potencialidade de mudança da realidade. A racialização dos corpos pretos e suas reproduções de inferiorização são responsáveis aos sentidos de objetificação, exploração e sexualização ao longo da história (HELLER, 2000). Um exemplo dessa produção, pode ser vista na obra cinematográfica do diretor Jordan Peele intitulada *Corra!* vencedora do Oscar de melhor roteiro original em 2018, em que traz a história de um jovem negro chamado Chris, de 26 anos, que atua profissionalmente como fotógrafo. Na trama, ele vai fazer uma visita aos pais de sua namorada, branca, Rose. Ao chegar à casa dos pais de sua namorada se depara com diversas situações de constrangimento racial, não de uma forma direta, mas velada. O protagonista se depara com o pai de sua noiva na trama lhe apresentando a sua casa, porém demonstrando que gosta de se enriquecer por outras culturas e que a seus criados são na sua maioria negros.

Esse processo de racismo velado é quando o racismo se faz presente em atos disfarçados ou sutis, em que o agressor pode possuir ou não a intenção de ferir os direitos e a honra da vítima. Ele é feito de forma subliminar podendo ocorrer como piadas e brincadeiras (SALOMÃO, 2019).

A escolha do filme “*Corra!*”, para ser objeto de estudo desta monografia, se deve ao fato dela trazer a questão da racialização dos corpos, em que o corpo preto é objetificado e as pessoas brancas apresentadas como superiores, as quais podem escolher quais corpos podem ser invadidos e utilizados como experimentos para melhor viverem. A trama, traz o aspecto físico do corpo negro, se desfazendo muitas vezes da parte intelectual do indivíduo, que continua sendo reproduzida como algo inferiorizado. Em levantamento realizado, identifiquei que outras tramas nacionais não trazem esta questão da objetificação do corpo negro e da lógica da branquitude<sup>3</sup> de apresentar o intelecto da pessoa branca como superior. Dentre os filmes brasileiros pesquisados, verifiquei que a maior parte traz a representação negra associada as desigualdades sociais e aos processos de violência que estão submetidos em nossa sociedade, como o filme “*Cidade de Deus*”, que tem o personagem Zé Pequeno, como protagonista do crime

---

<sup>3</sup> Trata-se de “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg define: “a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo”. (Frankenberg, 1999b, p. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90). Fonte: Definições sobre a branquitude. Portal Geledés, 2011, disponível em: [https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/?gclid=Cj0KCQiAlKmeBhCkARIsAHy7WVv9n-GkW33jonnTLQJTYRm3iyah5h4eMD9IX\\_CSktJBQLXPsErtu48aAhLFEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/?gclid=Cj0KCQiAlKmeBhCkARIsAHy7WVv9n-GkW33jonnTLQJTYRm3iyah5h4eMD9IX_CSktJBQLXPsErtu48aAhLFEALw_wcB)

organizado. O filme “Tropa de Elite 1”, também traz como protagonista um homem negro, chamado Mathias, em uma relação voltada à criminalidade, só que no caso o personagem é um policial. Verifiquei, assim, que as obras nacionais de grande circulação, não traziam a questão do negro relacionada ao corpo, fugindo da questão da corporeidade, objeto de estudo da Educação Física<sup>4</sup>.

Um outro elemento que foi considerado no levantamento de um filme para ser objeto de interpretação e análise de um estudo acadêmico, foi a dimensão da linguagem corporal e o quanto a construção da negritude é estereotipada na figura do “negro engraçado” e/ou “pitoresco” (FANON, 2008), com a finalidade de representá-lo de forma cômica. Exemplos dessa representação, podem ser vistos no filme “Velozes e Furiosos 5- Operação Rio” e na novela “Cobras e Lagartos”, tendo o ator Ailton Graça como protagonista. Essas obras, trazem o negro como alívio cômico para as tramas, o personagem do filme velozes e furiosos não é colocado como inteligente é sempre usado para questões como tirar a seriedade do filme com um papel quase terciário na trama e na novela o personagem é uma representação estereotipada de um homossexual negro trazendo todos os estereótipos possíveis de forma caricata também. O estereótipo é “uma forma de poder hegemônico e discursivo que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação” (HALL, 2016, p. 200).

A questão da estereotipação marcada nos corpos negros, é um elemento importante de análise que retomo aqui, por meio da seleção de seus corpos no mercado de escravos, como prática escravocrata, em que homens, mulheres e crianças eram expostas como peças, para serem examinadas como objeto e vendidos como mercadoria. Verificava-se a rigidez muscular, dentes, olhos e ouvidos, solicitando que os escravos saltassem e dessem giros, para que os compradores pudessem avaliar o físico deles e delas (CARVALHO, 2022). Esse critério de seleção ainda se estende aos dias atuais como critério para o serviço militar obrigatório ou outros concursos, em que se avalia a condição física, por meio de provas físicas e exames pré-admissionais. O próprio exame admissional é a avaliação médica da saúde física e mental do novo trabalhador e trabalhadora, para avaliar a aptidão antes do início das atividades laborativas, composto por anamnese médica, avaliação física e psicológica e exames complementares (LINHARES, 2021). Ou seja, utiliza-se como critério de seleção, exames para comprovar o quanto os corpos estão aptos, nos âmbitos fisiológico, físico e psicológico para assumir o posto de trabalho.

Compreendo, nesse sentido, que os movimentos ginásticos europeus, constituídos em um período pós escravocrata e de uma lógica higienista e eugenista, de certa maneira, contribuíram para perpetuar uma prática eugenista que visava projetar uma suposta superioridade ‘racial’, produzindo e selecionando corpos fortes e aptos para o trabalho (SOARES, 1994). O surgimento do movimento ginástico europeu,

---

<sup>4</sup> Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 26), a Educação Física tem como objeto de estudo a cultura corporal, que trata da “materialidade corpórea historicamente construída, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade, que necessitam ser retrçados e transmitidos”, por meio dos “jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica, entre outros”.

que vem embasado nas ciências biológicas, difundia uma cultura higienista e da valorização da saúde por meio de uma prática regular de exercícios físicos. O movimento surge na escola alemã como uma forma de preparar os corpos para um período de guerra, em que homens e mulheres deviam ser robustos, fortes e saudáveis para defender a pátria (DODÔ, 2014).

Entendo que a Educação Física entra aqui, como um culto exacerbado ao físico, que se considerado saudável fisiologicamente, forte e capaz de grandes feitos pela nação, reconhecido como patriótico e com capacidade produtiva. A entrada do método alemão no Brasil, segue os fundamentos que o embasou, nas leis da fisiologia e prescrita para ser exercida todos os dias, que nos termos de Carmen Soares (1994) *“seria o meio educativo fundamental da nação, disseminando cuidados higiênicos com o corpo e com o espaço onde se vive”*, fundamentada em conteúdos higiênicos, tinha a *“finalidade primeira tornar os corpos ágeis, fortes e robustos”*. Segundo a autora, em 1860, o método alemão *“é consagrado como método oficial do exército brasileiro, que vigora até 1912, quando foi substituído pelo método francês”*. Parto do pressuposto, com isso, que a seleção dos melhores por sua capacidade física vem do período escravocrata no mundo e se estende a outros períodos históricos, o qual foi sendo aperfeiçoado, no caso dos métodos ginásticos europeus (alemão, sueco e francês), como pode ser identificado no filme *“Corra!”*.

Carmen Lucia Soares em seu livro *“Raízes europeias e Brasil”* traz a questão de como a Educação Física se constitui no século XIX pela lógica da anatomia e da fisiologia humana, sendo a principal função do corpo satisfazer os ditames individualista e consumista da burguesia, por meio do disciplinamento, da ordem e da moral inculcadas nos gestos e na linguagem corporal voltada para o trabalho (SOARES, 1994). A Educação Física neste quesito é associada a uma saúde fisiológica e, ao mesmo tempo moral, que visa produzir um corpo forte, com contornos musculares definidos e livre de doenças, para poder suportar a alta carga de trabalho e o peso da desigualdade, em que uns trabalham muito, para que outros possam usufruir do descanso e do lazer. É sob essa lógica de produzir um corpo eficiente e capaz suportar uma alta carga de demandas, que o filme *“Corra!”* foi selecionado, já que na trama os personagens são escolhidos por seus atributos físicos e, sobretudo, por serem reconhecidos e representados pela sociedade branca e rica como objetos, destituído de humanidade.

O que era visto lá no período escravocrata como *“bom”* e padrão para a escolha de escravos se mantém, objetificado no corpo forte e, ao mesmo tempo, subalterno, que satisfaz o desejo da branquitude (MANCHETE, 1996; NAKANISHI, 2018). Nas palavras de Maria Aparecida Silva Bento (2003), *“ainda que o branqueamento se constitua numa invenção da elite branca para enfrentar o medo do grande contingente populacional negro e, posteriormente, como resposta à ascensão negra, não há como negar o seu impacto sobre a população negra”*, de forma que *“compreender o branqueamento versus perda de identidade é fundamental para o avanço na luta por uma sociedade mais justa”*.

É diante dessas representações criadas pela lógica da branquitude, que exploram, oprimem e violentam outras culturas, que este trabalho busca discutir as seguintes questões: Como o filme “Corra!” explora e desenvolve a representação dos corpos negros em uma sociedade norte-americana racista?

O filme promove debates sobre as questões de dominação étnico-raciais e, diante delas, pergunto: Como a Educação Física vem fazendo essas discussões no campo acadêmico?

### **Objetivos**

Descrever como a inferiorização da negritude é representada no filme “Corra!” e sua relação com a Educação Física.

Identificar as representações da negritude no filme “Corra!”, trazendo a corporeidade, objetificada pela superioridade física dos corpos pretos como objeto de estudo desta pesquisa.

Investigar se há a discussão no campo da Educação Física sobre as questões raciais, por meio do levantamento de artigos acadêmicos da área, no sentido de levantar: o que há de produção e suas finalidades.

### **Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa bibliográfica parte de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses, assim buscando o maior número de informações sobre o tema proposto. Segundo Soares et al. (2018, p.8) pesquisa bibliográfica pode possuir dois formatos principais: referencial e fundamentação para um trabalho ou com um propósito em si mesma assumindo um papel de artigo. Recorrendo aqui a um estudo de caso, pois é uma análise específica de um filme. De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso refere-se ao estudo da unidade com a preocupação de não apenas analisar o caso em si, como algo isolado, mas sim o que ele representa dentro de um todo.

Com isso, optei por seguir com o conceito de fundamentação com um caráter de revisão bibliográfica, buscando nos seguintes bancos de dados: Scielo, Google Acadêmico e diretamente nos sites de periódicos da área da Educação Física brasileira, que trabalham sob uma perspectiva sociopedagógica e que tenham avaliação no Qualis CAPES. Ao todo, foram nove (9) revistas pesquisadas, as quais somente cinco (5) apresentaram resultado ao lançar os descritores: sexualização do negro; sexualização da negra; o negro na mídia; Corra; Get out. Optei por estes descritores por serem os que mais se relacionam com a temática em voga.

Primeiramente, selecionei somente os textos que se relacionavam com o tema central do trabalho, que é a raça e etnia e suas relações com a corporeidade e Educação Física, por meio da leitura dos resumos dos artigos. Essas fontes foram utilizadas para contribuir na interpretação e na análise do filme. Segue, o Quadro 1, com o resultado dessa busca:

**Quadro 1-** Relação de artigos encontrados nas revistas de Educação Física com relação a raça

REVISTA	TÍTULO/AUTORIA/ANO	RESUMO
UNISIC	CAMARGO, Tarciso Alex. A revista Educação Physica e a Eugenia no Brasil (1932-1945). 2010.	Análise da revista Educação Physica, edições publicadas entre 1932 a 1945, totalizando 88 exemplares. A ciência “dos bem nascidos” encontrou articularidade no Brasil a partir da década de 1910, quando boa parte dos intelectuais brasileiros, dedicados as questões da identidade nacional, mostraram-se otimistas com as novas ideias eugênicas, pois a eugenia, aliada ao higienismo, representou a esperança de regeneração racial dos brasileiros. O principal eugenista da época no Brasil, o médico paulista Renato Ferraz Kehl, dedicou décadas de sua vida na divulgação e organização do movimento eugênico, tornando-se uma referência incontornável quando se estuda o movimento eugênico no país. A disciplina Educação Física foi entendida pelos eugenistas como mais uma das estratégias de aperfeiçoamento da raça. Nessa direção, a revista Educação Physica também se relacionou com a ciência eugênica, pois publicou diversos artigos de renomados intelectuais eugenistas, com destaque para o já citado Renato Kehl, Fernando de Azevedo e Hollanda Loyola. O pensamento eugênico no Brasil teve um caráter “preventivo” que não desprezava as explicações sociais para a “degeneração” do homem brasileiro, ao contrário, se constitui como aliada do higienismo justamente na construção de uma eugenia social com objetivos profiláticos. Em que pese o racismo científico ser a tônica do discurso eugênico brasileiro, a especificidade do eugenismo/higienismo nacionais está justamente nessa solução híbrida. A revista Educação Physica estava alinhada com os preceitos desta “eugenia profilática”, preventiva. Dessa forma a revista Educação Physica dentro de seu projeto de “eugenia positiva”, elencou a educação física como peça fundamental para eugenizar o homem brasileiro.
RBCE	MARIANTE NETO, Flávio Py et al. Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana?. 2010.	O estudo analisa a carreira do boxeador Muhammad Ali segundo as formulações sobre as relações de poder em configurações apresentadas por Norbert Elias. O propósito foi compreender como um atleta que foi contra questões tão profundas da sociedade estabelecida obteve sucesso profissional. Tratou-se de um estudo documental, tendo como fonte livros, artigos e reportagens publicadas sobre a trajetória do lutador. Concluiu-se que apesar de Ali ter se posicionado contra padrões estabelecidos de sua época em questões como a religião, o racismo e o patriotismo, a sua habilidade técnica acima da média, o seu poder de autopromoção e a sua capacidade de participar do jogo no contexto configuracional de que fazia parte, lhe deram condições de sobrevivência no mundo do boxe e conseqüente sucesso profissional.
Movimento	GOIS JUNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. 2012.	O objetivo deste estudo foi descrever a influência dos saberes médicos sobre a organização da Ginástica escolar no século XIX no Brasil. Para isto, utilizou como fontes: as teses para a obtenção do título de doutor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; documentos da Academia Nacional de Medicina e da Escola Normal de São Paulo. Concluiu que a mentalidade higienista foi fundamental para a difusão da Ginástica no contexto brasileiro.
Pensar a Prática	LISE, Riqueldi Straub et al. O caso Tinga: analisando (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. <b>Pensar a Prática</b> , v. 18, n. 4, 2015.	O objetivo deste estudo consiste em analisar os discursos referentes ao caso de racismo ocorrido na partida de futebol entre a <i>Asociación Civil Real Atlético Garcilaso</i> (Peru) e Cruzeiro Esporte Clube (Brasil), o qual vitimou Paulo Cesar Tinga, atleta do clube brasileiro. Notou-se a partir do cruzamento de tais discursos que as penas aplicadas aos infratores são demasiadas brandas, possibilitando que este tipo de conduta seja recorrente no campo futebolístico.
Movimento	TRALCI FILHO, Marcio Antonio; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira. O discurso da supremacia branca e o esporte: um estudo a partir de textos e comentários na	Este artigo se propõe a analisar a persistência e a reprodução da supremacia branca a partir de comentários na internet sobre esporte. Foram selecionados comentários de cinco textos publicados entre 2009 e 2016 que abordaram o tênis, escolhido por ser historicamente um esporte com hegemonia de atletas brancos, e, mais especificamente, pelo desempenho da atleta Serena Williams. Como

	internet. <b>Movimento</b> , v. 23, n. 1, p. 229-247, 2017.	resultados, observamos que a supremacia branca se faz presente no esporte, mesmo quando não há referências diretas à raça-etnia, na deslegitimação de denúncias e nos olhares sobre performances e corpos brancos e negros. Ademais, constatou-se que o esporte é também local de produção de discursos sobre a supremacia branca, uma vez que a ênfase no biológico e nos essencialismos culturais incentiva interpretações sobre a presença/ausência e desempenho de atletas brancos e negros que revisitam mitos políticos construídos pelo racismo científico do século XIX.
<b>Motrivivência</b>	BRAGA, João Vitor Busquim; OSHIMA, Kevin Keiti; DALBEN, André. A produção da Educação Física brasileira sobre fair play e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações. 2019.	Fair Play (FP) refere-se a atitudes moralmente boas na prática esportiva e reprovava o racismo. No Brasil, o esporte começou a se desenvolver após o fim da escravidão, de modo que o racismo acompanha a sua história. A pesquisa teve por objetivo mapear e analisar a produção acadêmica da Educação Física brasileira sobre a temática do FP e do racismo no esporte. Realizou-se revisão bibliográfica das teses e dissertações produzidas nos principais Programas de Pós-Graduação de Educação Física brasileiros. Levantaram-se 32 teses e 103 dissertações, das quais cinco teses e dez dissertações foram analisadas. Essa considerável redução ocorreu porque poucos trabalhos relacionam diretamente as duas temáticas. Entre os analisados, destacaram-se aqueles que abordaram o fenômeno esportivo a partir da perspectiva do racismo estrutural, em modalidades como futebol, capoeira e boxe. Houve também expressiva parcela que realçou a importância do FP e do combate ao racismo na Educação Física escolar.
<b>Pensar a Prática</b>	GOULART, Victor Rodrigues et al. Atletas de diferentes modalidades esportivas com cor da pele preta tem menor autoestima independentemente de seu status de atleta. <b>Pensar a Prática</b> , v. 22, 2019.	Verificou possíveis diferenças na percepção da autoestima em atletas com diferentes cores de pele autorrelatadas. Participaram 256 atletas com 22,1 anos, de diferentes modalidades esportivas. A maioria dos atletas eram brancos, homens, com escolaridade média completa, oriundos do futebol de campo e competiam em nível nacional e internacional. A autoestima foi significativamente menor nos atletas de cor de pele preta. Conclui-se que esses atletas sofrem maior influência depreciativa em sua autoestima, não sendo atenuada pelo seu <i>status</i> positivo de atleta.

Após a pesquisa nos periódicos da área, foram feitas leituras dos resumos para a verificação da relação dos textos encontrados com a temática proposta neste trabalho. Os artigos mais antigos foram publicados no ano de 2010 (2 artigos); 2012 (1 artigo); 2015 (1 artigo); 2017 (1 artigo); e 2019 (2 artigos) sendo estes últimos os mais recentes.

O Primeiro trabalho foi encontrado Revista do Departamento de Educação Física e Saúde, produzida pelo Programa de Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul, pelos autor Camargo (2010), com o título “A Revista Educação Physica e a eugenia no Brasil”. O texto trata sobre como a medicina no Brasil, em meados do século XX, contribuiu para produzir pensamentos eugenistas e o quanto a revista compactuava com esses pensamentos, colocando-os em circulação.

O segundo artigo foi encontrado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e foi escrito pelos autores Neto e Miranda, no ano de 2010, com o título “Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana?”. O trabalho traz a carreira do boxeador Mohammed Ali, com a finalidade de mostrar como o atleta utilizava de sua influência como atleta boxeador para tratar de questões raciais e políticas. Os autores avaliam que o elevado nível de talento que o boxeador possuía foi um dos fatores que fez com que



tivesse sucesso na sua carreira profissional, mas, para além disso, o lutador reformulou sua rede de relações e interdependências com grupos também dominados/estigmatizados pela sociedade americana.

O terceiro trabalho, publicado na revista Movimento, foi escrito por Góis Junior no ano de 2012, intitulado de Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX, que tratava sobre como a medicina contribuiu para a ginástica escolar e suas práticas higienistas e eugenia, com a finalidade de explicitar como esse processo contribuiu para um estado de criação de uma nação perfeita brasileira

O quarto trabalho foi publicado na Revista Pensar a Prática, pelos autores Lise et al, em 2015, intitulado “O caso Tinga: analisando (mais) um caso de racismo no futebol Sul-Americano”, traz sobre o caso de racismo, ocorrido em uma partida de futebol, verificando quais foram as penas atribuídas aos envolvidos no caso, mostrando o quanto elas foram brandas.

O quinto trabalho apresentado na revista Movimento, pelos autores Traici Filho e Dos Santos, em 2017, intitulado de “O discurso da supremacia branca e o esporte: um estudo a partir de textos e comentários na internet”, traz cinco artigos sobre a supremacia branca e o tênis, que em sua maioria é praticada por pessoas brancas. O estudo tem a finalidade de explicitar como os comentários nas redes sociais e correlatos contribuem para práticas racistas ou uma re-prática, acentuando a condição de que o branco é superior e o não branco é excluído.

O sexto trabalho encontrado na revista Motrivivência, escrito pelos autores Braga e Oshima, em 2019, intitulado de “A produção da Educação Física brasileira sobre *fair play* e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações”, que tratava sobre a temática do fair play e racismo no esporte com a finalidade analisar o estado da arte das produções acerca do tema, chegaram à conclusão que o *fair play* e o racismo se configuram como campos de pesquisa uteis para a Educação Física abrindo espaço para pesquisas na área.

O sétimo trabalho foi publicado na Revista Pensar a Prática, escrito pelos autores Goulart *et al.*, também no ano de 2019, traz o título “Atletas de diferentes modalidades esportivas com a cor de pele preta tem menor autoestima independentemente do status de atleta”, e analisa questões voltadas com o estado emocional e psicológico dos atletas negros, os quais mostram que mesmo tendo sucesso profissional ainda se sentiam menos do que os atletas brancos, em virtude do racismo estrutural.

De modo geral, foi possível perceber que há pouca produção sobre a temática racial em que se voltam mais a questão da eugenia e higienismo correlacionando com a Educação Física, quando se trata de outros assuntos não relacionados a essas questões as produções são escassas. A leitura se estendeu aos resumos pela falta de relação com a temática do texto.

## **Higienismo e Eugenismo na Educação Física: um estudo sobre os periódicos da área**

O higienismo, segundo Silva (2009) foi um movimento da elite médica com estratégias de alcançar parcela populacional e galgar o poder estatal e possibilidades de participar do poder. A educação física foi um dos principais objetos de poder das instituições médicas durante os séculos XIX e XX, utilizada como instrumento de aprimoramento da saúde física e moral, acoplada a ideais eugênicos de regeneração e purificação da raça, podendo ser colocada como um remédio para a sociedade capitalista brasileira (CARVALHO, 2004).

No Brasil, o movimento higienista começou a se fazer presente entre o final do século XIX e início do século XX e propunha defender a saúde e a educação pública, por meio do ensino de novos hábitos higiênicos, que deveriam ser orientados pela medicina social. Seus defensores diziam que a população saudável e educada é a maior riqueza de um país. Havia um aspecto especialmente preocupante para os higienistas brasileiros, como Oswaldo Cruz, Belisário Penna, Miguel Couto, qual seja, a formação do povo envolvendo o papel das raças e sua miscigenação, daí decorrendo a presença de tendências eugênicas no movimento, que tinham como preocupação a higiene da raça, utilizada como sinônimo de eugenia no Brasil. (MILAGRES; DA SILVA; KOWALSKI, 2018)

Durante os anos de 1900-1920 a tese de maior repercussão para o fracasso econômico foi a fatalista, na qual os componentes explicativos raciais eram fortes. Segundo esse pensamento, os brasileiros estavam constituídos por raças inferiores, com baixa capacidade para o trabalho e, dessa forma, nunca poderia ser uma nação economicamente forte. Como vendiam a ideia de que o negro e o índio eram inferiores, os poucos brancos brasileiros sentiam-se em desvantagem. Correntes do “movimento higienista”, como a liderada por Oliveira Vianna, pensaram em estratégias de embranquecimento, como a esterilização dos negros, regulamentação de casamentos, uma crescente imigração europeia, sobretudo da Itália e Alemanha. (SCHWARCZ, 1993; MARQUES, 1997)

A proposta que se vendia como ‘verdade’ era de que a reforma social faria com que o povo superasse sua debilidade, adquirindo hábitos higiênicos, civilidade e condições de trabalho. Este projeto regeneraria o povo brasileiro, pois se veiculava a ideia de que a superioridade étnica de um povo era resultante de sua história e de sua formação genética, sendo que o primeiro influenciaria o segundo, formando a raça (JUNIOR; LOVISOLO, 2005). Acreditava-se que a raça brasileira ainda estava sendo definida, portanto, se o povo tivesse melhores condições de vida, adquirisse hábitos saudáveis, essas características adquiridas poderiam ser transmitidas geneticamente às gerações posteriores. A educação

física, em seu projeto pedagógico, seguia estes princípios lamarkistas<sup>5</sup>, com discursos de que a prática de atividade física depuraria a “raça brasileira” de doenças mórbidas criando indivíduos saudáveis e robustos, aperfeiçoados pela perpetuação da raça (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2003). O homem devia ser íntegro em seu físico e intelectualmente, pois o indivíduo poderia ser rico intelectualmente provido de inteligência, porém pobre em seu físico. Poderia se encaixar aqui a frase em latim “*men sana in corpore sano*”, que é uma citação latina do poeta Juvenal derivada da sátira X que significa “em mente sã, corpo são”, pois qual a finalidade da inteligência em um corpo que não é saudável. (YOUNG, 2005)

Aqui o negro e o índio não estavam nos planos de criação de uma raça superior, pois eles não eram considerados pelos colonizadores como inteligentes, como humanos, pois a lógica colonial depende dessa criação das diferenças para se projetar como ‘raça superior’. Esse tipo de prática veio a perpetuar/criar práticas como o fascismo alemão (PINNA, 2022)

Segundo Schwarcz (2012), embranquecer a raça era “melhorar” de forma gradual a mestiçagem no Brasil, fazendo com que a população se torne progressivamente menos negra, já que segundo os ideais eugenistas e evolucionistas da época, isto levaria o país ao desenvolvimento. Entendo, que no filme *Corra!*, não ocorre um ato de mestiçagem, mas um interesse apenas pelo físico do corpo negro, pois falando de forma dedutiva uma possível mistura de raças não levaria ao desenvolvimento de indivíduos mais fortes intelectualmente e fisicamente.

Compreendo, nesse sentido, que a Educação Física em seu histórico colabora para existência de pensamentos desse tipo, colocando que um ser pode ser superior ao outro pelos seus atributos físicos. Sendo que hoje em dia, por meio da mídia social essa cultura de que o “belo” é o melhor fisicamente se perpetua, não entrando aqui em questões de saúde fisiológica, mas sim uma “saúde” visual. Essa dicotomia de separação do corpo e mente do indivíduo, levou a atos desumanos no filme o qual analisamos, sendo que a mente do indivíduo que é considerado “inferior” e o corpo “superior”.

### **Mestiçagem no Brasil: um mito da branquitude**

A cor da pele no Brasil é colada e atrelada à imagem de raça produzida pela ciência moderna. Dentro dessa lógica, quanto mais escura a cor da pele de um indivíduo, mais perto da ideia de raça negra estereotipada e estigmatizada pelo racismo moderno ele está localizado, e quanto mais perto da cor de pele branca, mais status e privilégios ele ganha (SCHUCMAN, 2016). Pós-abolição, a questão da identidade nacional brasileira e o futuro da nação eram amplamente discutidos pelos intelectuais

---

<sup>5</sup>A teoria lamarkista, postulando a herança dos caracteres adquiridos, favorecia a intervenção, mesmo quando a ênfase fosse colocada nas condições de vida da população como fator determinante (CARNEIRO, 2004).

brasileiros. As questões importantes que surgiam naquele momento eram: O que fazer com a massa de recém-libertos na sociedade brasileira? Como tornar a diversidade de populações aqui presentes um só povo e nação? Nesse mesmo momento, a Europa difundia os ideais do racismo científico, que proclamava que a raça branca seria mais civilizada e mais associada ao progresso da humanidade. Para o racismo científico, a miscigenação desqualificava e degenerava a humanidade (SCHUCMAN,2016). Era evidente, portanto, que o racismo científico colocava um entrave para a possibilidade de desenvolvimento do país, já que a nação era formada por uma parcela grande de negros e mestiços.

A miscigenação passou a ser percebida como uma possibilidade por intelectuais e cientistas que ou não viam problema biológico algum no fenômeno ou que, dentro de uma perspectiva eugenista, a percebiam como estratégia de branqueamento da população. A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas” e “menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata (SKIDMORE, 1976).

O ideal de branqueamento teve grande aceitação na intelectualidade brasileira e na política de Estado nas primeiras décadas do século XX. Foi visto como um meio mais apropriado para que o país alcançasse o progresso segundo o ideal de civilização europeia e se tornasse branco. A miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procuravam parceiros mais claros que elas. A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca (SKIDMORE, 1976).

Essa forma de classificação não raramente eliminou a identificação dos mestiços com a negritude e fez com que estes não se classificassem como negros, bem como contribuiu para que permanecessem intactas todas as estereotípias e representações negativas dos negros (MUNANGA, 2008)

A divulgação por parte da elite intelectual brasileira sobre a superioridade do sangue branco era a evidência de que com o tempo e sucessivos cruzamentos a cor predominante do brasileiro seria branca. Segundo Lacerda, provavelmente “antes de um século a população do Brasil será representada, na maior parte, por indivíduos de raça branca, latina, e para a mesma época o negro e o índio terão certamente desaparecido desta parte da América” (LACERDA, 1912, p. 94-95)

Por via, a eliminação do negro da espécie vamos assim dizer, vinha por meio da lógica da mistura da raça para que aquela em questão seja excluída e não exista mais. Só que pensando nos dias de hoje, essa ideia de mistura de raças gerou uma população em que 55,8% da sua população é negra, segundo dados de pesquisa (IBGE, 2022), sendo o país com a maior quantidade de indivíduos negros fora do continente africano, caindo o argumento de se ter uma população em sua maioria branca a longo prazo.

## O Filme “Corra!”: análise sobre a representação da corporeidade negra

Este tópico objetiva apresentar as questões de racialidade produzidas pela lógica da branquitude sobre a corporeidade negra trazidas no filme *Corra!*, estabelecendo um diálogo com a Educação Física, em sua vertente higienista e eugenista. Para isso, faço descrições de partes do filme, contextualizando o enredo que o constitui, buscando interpretar os elementos que se referem a lógica de racialização dos corpos negros.

Na obra em si, em sua primeira cena inicial, um homem negro está caminhando pela calçada de um bairro residencial. Ele nota que um carro branco começa a desacelerar e acompanhar o seu andar pela rua e resmunga consigo mesmo “Não faça nada estúpido. Só continue andando”. Nisso, ele aperta o passo de sua caminhada, na melhor intenção de fuga. Achando a situação um tanto desconfortável, ele decide dar meia volta e seguir outro caminho. O carro branco o ultrapassa e para logo a frente. De dentro do carro, uma pessoa mascarada sai e ataca o rapaz por trás com socos na barriga e tapando o seu nariz a fim de asfixiar o rapaz negro que transitava aquela rua. O homem que veste uma máscara de ferro da Ku Klux Klan arrasta o rapaz negro para o porta-malas do carro e segue o seu caminho no veículo branco. A questão racial é aparentemente trabalhada sutilmente nesta primeira cena.

Nesta situação até a própria cor do carro pode ser usada como uma questão racial, representando a patrulha e a vigilância dos olhos da brancura sobre o próprio negro. O sequestro de um rapaz negro em um bairro que na cinematografia normalmente é representado com um bairro predominantemente de uma classe média branca do país em questão, pode ser entendido como um ato que se posiciona contra a diferença.

Na primeira aparição de Chris no filme, ele se encontra arrumando as malas para conhecer a família de sua namorada, Rose que é branca. Nisso se encontra desconfortável com a situação de conhecer os pais dela que são brancos, indagando para ela se os pais dela sabem que ele é negro. Ela responde que os pais dela não são racistas, e que esse fato não faria maior diferença:

Chris: Fui seu primeiro namorado negro? Rose: Sim. E daí? Chris: É algo novo para eles. Eu não quero ser perseguido pelo quintal com uma espingarda.  
Rose: Isso não aconteceria. Primeiro que, meu pai votaria no Obama mais uma vez, se fosse possível. Por isso o amor é verdadeiro. Estou te dizendo por que eu sei que ele vai querer falar sobre isso [...] Eles não são racistas. [Se fossem] eu o contaria.

Dizer que o pai votou em um presidente negro, provem do mesmo discurso que é dito na sociedade, que é: não sou racista, tenho até amigos negros. Ou não sou homofóbico, tenho até amigas lésbicas.

Fanon (2008), ao refletir sobre a relação do homem negro com a mulher branca, argumenta que o homem negro que se relaciona com a branca se torna um grande tabu para sua comunidade de cor; e em contrapartida, em sua psique, assimila uma forma de ascensão social na dimensão da afetividade:

“Amendo-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco” (FANON, 2008).

Ao chegar na casa dos pais de sua namorada Chris se depara com a seguinte situação, todos os empregados da casa são negros e os donos da casa são médicos. Esta cena pode ser interpretada a partir de análises sobre a representação do negro na mídia cinematográfica, em que segue sendo pelos mesmos princípios: a mulher é representada em trabalhos braçais e de baixa remuneração, que exigem uma menor escolaridade e direitos, prestando serviços domésticos e/ou como objeto sexual; o homem é a figura do forte e viril e/ou malandro que é mulherengo e não possui nenhum compromisso (MANCHETE, 1996). A Georgina, mulher que presta serviços domésticos na casa, é negra, e o Jardineiro também é negro. Dean diz para Chris que ele pode estar pensando que sua casa segue o estereótipo de uma família branca com empregados negros, mas justifica que eles foram contratados para cuidar de seus pais (avós de Rose), que morreram e ele não poderia demiti-los. Mas diz que odeia isso, e confirmando a fala de Rose ele votaria no Obama novamente se pudesse. Nisso, Chris fica ainda mais desconfortável com a situação. Nota-se que os empregados ficam um pouco desconfortáveis por estarem subalternos a uma pessoa da mesma cor que eles. Essa situação exemplifica uma lógica de submissão e servilismo inculcada em corpos racializados, latente na estrutura da casa grande e senzala, em que o conceito de *habitus*<sup>6</sup> de Bourdieu (2002), ajuda a refletir sobre uma ordem social que regula às ordens e posiciona os sujeitos no lugares que os colonizadores querem que eles estejam.

Retomando o filme Corra!, os pais de Rose promovem uma festa em sua casa com várias pessoas brancas, em qual Chris é submetido a mais situações de constrangimento sobre sua cor sendo objeto de curiosidade geral. Uma mulher pergunta de forma indiscreta sobre o desempenho sexual do homem negro, com uma mulher o apalpando e perguntando se era verdade que eles são melhores. Colocando-o em um local de compulsão sexual estereotipado. Chris é visto apenas como um pedaço de carne para satisfazer as vontades da mulher branca. São várias perguntas sobre os atributos sexuais de Chris e, nesse contexto, um homem que é deficiente visual se interessa pelo dom de fotografar.

Na festa, Chris reencontra o rapaz que foi sequestrado. Ele reaparece na trama, porém muito diferente do que se esperava, Chris o cumprimenta utilizando de uma gíria muito usada nos Estados Unidos, que é “irmão”. Nisso o rapaz que havia desaparecido responde de outra forma muito vazia, aqui Chris acha que a forma como outras pessoas negras naquele lugar o trata é diferente. Chris tira uma foto desse rapaz afim de comentar com seu amigo sobre o que estava acontecendo via mensagens, mas nesse momento o rapaz que havia sido sequestrado começa a sangrar pelo nariz e o rapaz começa a gritar “Corra” inúmeras vezes. A partir daí a narrativa começa a mudar.

---

<sup>6</sup> Segundo Bourdieu *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (SETTON, 2002).

Em um clima de total silêncio é feito um leilão sem a presença do protagonista, o qual se vê que a festa citada acima foi apenas uma exibição da mercadoria: carne, corpo e sanidade de Chris. Depois do ocorrido com o rapaz que havia sido sequestrado, Chris arruma suas malas para ir embora e durante isso encontra no quarto de Rose uma caixa com várias fotos dela com outras pessoas negras inclusive os dois empregados da casa. Ele não questiona Rose sobre as fotos, mas diz que quer ir para casa. Chris havia sido vendido no leilão para um homem cego que queria ter a sua visão, e ele acaba sendo atordoado após uma pancada e desmaia.

Acordado, Chris se encontra em uma cadeira amarrado e com uma tv ligada à sua frente que começa a reproduzir um vídeo. O homem que fala no vídeo é Roman Armitage, o avô de Rose. O senhor grisalho começa a dizer que “se você está assistindo este vídeo, saiba que foi escolhido pelas suas vantagens físicas que você desfrutou durante toda a sua vida”. Em suma, entende-se que o corpo negro, o corpo de Chris é geneticamente mais forte, mais resistente. Chris foi “escolhido” para ser submetido, contra à sua vontade, ao procedimento Coagula. Um transplante em que o cérebro de Chris é trocado por o cérebro do homem que o comprou no leilão supracitado.

Entende-se, com isso, que em toda a trama, a Rose funciona como uma espécie de olheira, pessoa encarregada de assistir jogos para identificar jogadores com potencial para se tornar jogadores de futebol (MONTEIRO, 2011). No caso os jogadores em potencial seriam os negros com o qual ela se relaciona de acordo com os atributos físicos que os frequentadores do leilão buscavam para uma “troca” de consciência.

Compreendo, nesse sentido, que o reconhecimento do corpo de Chris como mais forte e mais resistente é voltar-se ao entendimento escravocrata sobre o corpo negro. O transplante aqui é um ato de união do intelecto do branco com um corpo de um negro. Fisicamente aquele corpo é aceito, mas intelectualmente não. O cérebro do homem branco que habitaria no corpo do homem negro se relaciona de forma ambígua: ora como uma forma máxima de dominação do corpo negro, ora como se a cor fosse irrelevante.

O transplante cerebral vai ao encontro à simbologia e ao deslocamento do discurso da frenologia que se manifesta aqui em outras escalas nesta narrativa de ficção científica, e em outra obra chamada de *Django livre* (2012) no qual o personagem de Leonardo DiCaprio exhibe o crânio de um negro e diz que por uma certa parte do cérebro o negro era menos inteligente e tinha tendencia a ser subalterno. O caso lembra, também, a história de Sarah Baartman, mulher africana que foi estudada e exibida em circos franceses e ingleses durante anos e, após sua morte, foi esquartejada e sua genitália exibida ao lado do cérebro de Descartes (SCHONS, 2019). No fim, há a redução do branco a materialidade do cérebro. Já o preto é alocado no fetiche da genitália, ao desajuste e ao objeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme Corra! traz inúmeras questões intrínsecas na sua trama, as quais podemos relacionar com a Educação Física em seu processo de construção, desde as escolas ginásticas europeias e sua influência no Brasil, assim como a questão do higienismo e eugenismo na Educação Física. Os princípios que fundamentaram as escolas, os métodos ginásticos europeus, tinham um culto ao corpo saudável, militarizado e voltado ao patriotismo, a defesa de seu território. Em um período de guerras, perpetua a lógica de inculcar nos corpos a responsabilidade de dar conta das desigualdades e mazelas sociais, de uma rotina exaustiva de trabalho, de defender a pátria e racializar alguns corpos, nesse caso os corpos pretos, para poder explorar e dominar em prol de maior lucro e perpetuação da ideia de “raça pura”, regida pela branquitude como símbolo de superioridade e humanidade. A perpetuação de práticas racistas até os dias de hoje, é compreendida como um investimento em que alguns corpos são objetificados como desprezíveis e desumanos e outros elevados a categoria de humanos, podendo justificar as atrocidades e a barbárie da relação dominação-exploração entre colonizadores e colonizados.

O filme Corra! mesmo que em regiões diferentes do continente americano a questão da escravidão e seus critérios ocorreu em toda a América. Coisa que pode se refletir na mídia até os dias de hoje. O negro como representado, ainda passa a ser excluído por uma questão intelectual, mas desejado pela objetificação de seu corpo forte, como: rapidez, potência, força e outros. O belo do negro ainda é representado e ressaltado dessa forma, pelos seus atributos físicos, os quais são utilizados para demandar maior carga de trabalho e cobrar resultados diferenciados, sendo a capacidade intelectual inferiorizada para poder precarizar suas condições de trabalho e explorar sua força de trabalho.

Entendo, que a Educação Física ainda peca neste quesito, pois na retratação nos esportes o negro é representado em modalidades que requerem velocidade e potência, e os brancos são aqueles que ocupam influentes cargos e são retratados como pensadores influentes. Minha representação de alguém negro, que contribuiu para a profissão, foi do autor Antônio Carlos Gomes, que possui um livro sobre treinamento esportivo chamado de treinamento Desportivo: estruturação e periodização (GOMES, 2009). Retirando este autor não me lembro de nenhum. Isto é, durante todo o meu processo de formação, não tive professores universitários negros, não me foi direcionado nenhuma referência e não conheci nenhuma pessoa negra ocupando altos cargos no âmbito esportivo.

A mensagem que é passada diariamente, na mídia e nas vivências coletivas, é de que o preto é mais um corpo no mercado, como um manequim esperando para ser escolhido pela sua forma externa, e “vazio” por dentro. O preto segue sendo apenas mais um corpo para artifício do branco, seja para vantagem esportiva ou para fazê-lo rir. Prática, que a meu ver, ainda vai se perpetuar por anos, pois um dos poucos espaços de reconhecimento dessa forma de violência que as pessoas pretas vivenciam diariamente é o acadêmico, local onde muito dos meus não tem acesso.



A produção acadêmica na Educação Física sobre questões relacionadas a racialização dos corpos negros é escassa. Há poucos artigos produzidos sobre o tema na área e não encontrei nenhum que tratasse diretamente do tema em voga, ou seja, da corporeidade negra na mídia cinematográfica. O que parece contraditório, pois levando em consideração que grande parte das grandes figuras esportivas são negras, como haver pouca produção na área sobre questões de dominação étnico-racial? Estuda-se pouco sobre essas questões no processo de escolarização e na formação inicial, mesmo no campo esportivo, com grandes representantes. É importante que brancos e negros tenham as mesmas possibilidades, que ambos fiquem no mesmo nível de representação, para as/os estudantes na graduação, consigam reproduzir isso no campo escolar e/ou esportivo. É importante assegurar os espaços de fala e, ao mesmo tempo, reconhecer e lutar contra as formas de racismo que oprimem e violentam. Acredito que uma pessoa negra falando sobre o assunto se torna normal, pois é sua dor, mas um branco falando e reconhecendo o quanto a branquitude lhe beneficia nas relações sociais e humanas, demonstra simpatia para com a dor do outro, demonstra que para uma sociedade ser mais humana, todas as pessoas precisam fazer a sua parte.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz O **que é racismo estrutural?** Belo Horizonte/MG: Letramento, 2018.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30.
- BORSA, Matheus; PERUSSATTO, Melina Kleinert. Representações sobre o corpo do homem negro: filme mandingo o fruto da vingança. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 2, 2018.
- BRAGA, João Vitor Busquim; OSHIMA, Kevin Keiti; DALBEN, André. **A produção da Educação Física brasileira sobre fair play e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações**. 2019.
- CARNEIRO, Ana Paula Netto et al. **A evolução biológica aos olhos de professores não-licenciados**. 2004.
- CARVALHO, Yara Maria de. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- CARVALHO, Leandro. Mercado de Escravos. **Revista Prepara**, 2022. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/historia-do-brasil/mercado-escravos.htm> Acesso em: 23 de novembro de 2022
- CAMARGO, Tarciso Alex. A revista Educação Physica e a Eugenia no Brasil (1932-1945). 2010.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DE QUADROS, Dênis Moura. A marginalização e a sexualização dos corpos negros na mídia e na literatura afrofeminina contemporânea: espaços que (de) formam identidades. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 26, p. 513-531, 2018.
- DODÔ, Aline Menezes. efdesportes.com. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 18, Nº 190- Março de 2014
- DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiae Studia**, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008.
- ELIAS, Alice. Chacina da Candelária. In: ADORNO, Sergio. **Chacina da Candelária: Em 23 de julho de 1993, oito jovens foram assassinados nas proximidades da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Esse acontecimento ficou conhecido como a Chacina da Candelária**. FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: HOJE NA HISTÓRIA, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/34733>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- GARCIA, Clarck Hammer Soares. **A hiperssexualização dos negros na indústria pornográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28294#:~:text=Editora%3A-Universidade%20Federal%20de%20Uberl%C3%A2ndia,-Refer%C3%A2ncia%3A%C2%A0>
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MARTINS, D. T. F. Da ideologia do branqueamento à branquitude. **Revista Espaço Acadêmico**, n 21, 230, p. 106-116, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60369>
- GÓIS JUNIOR, E. LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Curitiba, v.25, n.1, p.41- 54, set. 2003.
- GOIS JUNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**. 2012.

GOMES, Helton Simões. Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação. **G1 Economia**, 14/05/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>

GOMES, Antonio Carlos. **Treinamento desportivo: estrututuração e periodização**. Artmed Editora, 2009.

GOULART, Victor Rodrigues et al. Atletas de diferentes modalidades esportivas com cor da pele preta tem menor autoestima independentemente de seu status de atleta. **Pensar a Prática**, v. 22, 2019.

JUNIOR, Edivaldo Góis; LOVISOLO, Hugo R.; HR, A. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma rein-terpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. **Revista Portuguesa de Ciência e Desporto**. Porto, v. 5, n. 3, p. 322-328, 2005.

LACERDA, João Batista de. Sobre os mestiços no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2011.

LINHARES, Sabrina de Oliveira. **Medicina Ocupacional no Exército Brasileiro: Exames Admissionais Complementares no Serviço Militar Obrigatório**, 2021.

LISE, Riqueldi Straub et al. O caso Tinga: analisando (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, 2015.

MARQUES V. **Medicalização da raça**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

MARIANTE NETO, Flávio Py et al. Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana?. 2010.

MILAGRES, Pedro; DA SILVA, Carolina Fernandes; KOWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018.

MONTEIRO, Lucas Cançado. **Crítérios de avaliação utilizados por “olheiros” e observadores na seleção de talentos esportivos para o futebol no Brasil**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012

NAKANISHI, Débora Spacini. 12 anos de escravidão: livro e filme. 2018.

PINNA, Javier Martínez. **Os exploradores de Hitler**: Heinrich Himmler, a SS Ahnenerbe e a busca insana pelas origens da raça ariana. Editora Cultrix, 2022.

ROCHA, Rolely. Taxa de desemprego maior entre pessoas pretas é racismo estrutural, diz economista. **CUT**, 12 de março, 2021. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/taxa-de-desemprego-maior-entre-pessoas-pretas-e-racismo-estrutural-diz-economista-777a>

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v 16, p.115-136, 2001

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. **São Paulo: Companhia das Letras**, p. 99-133, 1993.

SALOMÃO, Conrado Massaud; BELLOTTI, Fernanda d'Ornellas; DA COSTA, Francinne Murizine Faria. A TEORIA DE CESARE LOMBROSO E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL:: uma análise do racismo velado. **Jornal Eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior**, v. 11, n. 1, p. 17-17, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem Preto nem Branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer; FACHIM, Felipe Luis. A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 16, n. 3, p. 182-205, 2016.

SCHONS, Andressa et al. **A trajetória de Sarah Baartman**: o corpo da mulher negra como instrumento pedagógico para popularização do racismo científico no século XIX

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20 p. 60-70, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>>

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n. 20. Acessado 6 Novembro 2022.

SILVA, Maria Cecília do. **Do corpo objeto ao sujeito histórico**: perspectivas do corpo na história da Educação física brasileira. Salvador: EDUFBA, 2009.

SKIDMORE, Thomas E. The historiography of Brazil, 1889-1964, part II. **Hispanic American Historical Review**, v. 56, n. 1, p. 81-109, 1976.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio De Janeiro, v. 19, Ed. 2, p.1-19, May-Aug, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.

TEIXEIRA, M. S. S. P.; QUEIROZ, Josiane Mendes. Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. **Revista Enlaçando**. Recuperado de: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO\\_EV072\\_](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_), 2017.

TRALCI FILHO, M. A.; SANTOS, A. de O. O discurso da supremacia branca e o esporte: um estudo a partir de textos e comentários na internet. 2017.

TARANTINO, Quentin. **Django Unchained**. EUA: Sony Pictures, 2012

**VELOZES & FURIOSOS 5: Operação Rio**. Direção: Justin Lin. Produção: Neal H. Moritz, Vin Diesel e Chris Fottrel. Original Film e One Race Film, 2011. DVD (130 min), color. Título original: Fast Five

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

**Xica da Silva** [Youtube, capítulos avulsos]. 231 capítulos. Rio de Janeiro: Rede Manchete, 1996.

YOUNG, David. Mens sana in corpore sano? Body and mind in Ancient Greece. **The international journal of the history of sport**, v. 22, n. 1, p. 22-41, 2005.